

BRASÍLIA E CLARICE: Uma Narrativa para a Cidade

Eloísa Pereira Barroso¹

Sainy Coelho Borges Veloso²

RESUMO: Brasília e Clarice: Uma narrativa para a cidade é um estudo que busca fazer emergir da “cidade das palavras” a “cidade real” em que a “cidade texto” capta o dinamismo da vida urbana e os diversos sentidos atribuídos à cidade. Considera-se aqui que a justaposição do discurso historiográfico em consonância com o discurso literário permite o desvelar de Brasília: a cidade modernista. As ideias que se constituem como matéria de linguagem nos textos de Clarice Lispector criam a “cidade texto”. Ao se estabelecer uma leitura da cidade de Brasília sob o prisma da história, a análise do texto literário, que tem Brasília como o espaço das crônicas da autora, possibilita ao historiador ir de encontro a um espaço de apreensão e, ao mesmo tempo, de revelação de como se constrói a história da sociedade e se realizam as relações sociais na capital federal. Diante dessa perspectiva o objetivo aqui é extrair temas que aproximam o texto desta literata das grandes discussões da história cultural, na medida em que a vida urbana, além de tessitura literária, é tema de análise para as diversas questões que se colocam aos historiadores na modernidade. A cidade percebida pela imaginação não é um espaço indiferente à mensuração e à reflexão. O espaço urbano clariciano é um espaço vivido. Mas vivido fora de uma perspectiva de positividade, o espaço literário das crônicas é tratado com todas as parciaisidades da imaginação. Assim o objetivo do artigo é analisar como Clarice Lispector percebe a cidade. Através das crônicas a autora descortina uma Brasília hostil e fria que não permite os encontros fortuitos das ruas. A cidade se coloca como uma espécie de espectro de uma modernidade inacabada em que o humano não se realiza.

Cidade e narrativa: Brasília.

A cidade não é algo natural na história da humanidade. É fruto da vontade e do trabalho humano e ela não existe independente de uma história social. Portanto, “é produto da história dos povos e condição essencial para a continuidade e aperfeiçoamento das realizações do sujeito enquanto seres racionais” (ALVES, 1997, p. 26). Nessa perspectiva a cidade deve ser entendida como um bem público, na qual o espaço socialmente construído torna-se um lugar. Sobre essa questão, aqueles que ali habitam entendem o espaço como “prática do lugar” (CERTEAU, 1998) e o transforma a partir de suas ocupações, apropriações, experiências e significados. O que significa afirmar que os atores sociais, em seus itinerários cotidianos, simbolizam o lugar a partir das

¹ Professora Adjunta 03 do Departamento de História da UnB, credenciada ao PPGHIS/UnB e o Centro de Excelência em Turismo-UnB.

² Professora Adjunta 04 da Universidade Federal de Goiás-Faculdade de Artes Visuais.

interferências, tanto corporais quanto cognitivas, dispondo daquilo que o espaço físico tem a oferecer e em “interação social” (GOFFMAN, 2011[1959]).

No espaço narrativo³ sobre Brasília há nas duas primeiras décadas que se seguiram após sua inauguração, visões eufóricas com o projeto do Plano Piloto da capital como de Adirson Vasconcelos (1960, 1966, 1968, 1969, 1978) e de poetas como Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida, entre outros⁴. Nas entusiasmadas e épicas narrativas da construção da nova capital no planalto central do Brasil, Brasília surgia utópica, como um direito de e para todos. Por certo que essas primeiras narrativas correspondiam aos discursos oficiais, às narrativas de jornalistas de outros estados, convidados a residirem na cidade, além de poetas como Vinício de Moraes e Tom Jobim, criadores da “Sinfonia da Alvorada”, hino oficial de Brasília.

Logo, com o transcurso do tempo, as narrativas que se seguiram carregaram em si a desilusão com o espaço arquitetônico construído como uma maquete que segue fielmente a racionalidade das linhas formais do desenho das pranchetas. De fato, o Plano Piloto de Brasília se assemelha a uma grande escultura com suas linhas moldadas a ferro, cimento e vidro. Não obstante, esse mesmo espaço concentra trabalho e serviços, dele exclui, enquanto moradia e qualidade de vida, esses mesmos trabalhadores (PAVIANI, 1996, 1999).

Para o cidadão o direito à cidade deve ser mais que um sonho vivido ou renunciado. Em Brasília, esse direito necessita ser exercido e não aceito passivamente em forma de Lei proclamada pelo Judiciário ou esmagado pelos espaços da imponente e funcionalista arquitetura da cidade. A reificação a qual a cidade nos convida diariamente é própria de um pensamento que pretende transformar uma ideia em coisa, processo histórico inerente às sociedades capitalistas, segundo Karl Marx (2003). Essa é a característica da transformação experimentada pela atividade produtiva, pelas relações

³ Entendemos a narrativa como a expressão que organiza o pensamento, o sentir, e assim possibilita contar para o outro, por meio da escrita, da oralidade, da visualidade e da intertextualidade, um pouco de si e do mundo circundante. No entanto, aqui falamos da escrita em suas diferentes formas narrativas. A transmissão de experiências e conhecimentos afirma o papel constitutivo do discurso na vida social, em uma compreensão da “literatura como prática social” (BAUMAN, 1986, p.3).

⁴ Cf. COSTA, Luiz Carlos (2005).

sociais e pela própria subjetividade humana. Talvez aí, resida a euforia das primeiras narrativas sobre Brasília, sujeitadas e identificadas com o caráter inanimado e funcionalista da arquitetura da cidade. Para sermos modernos, “compramos” ideias transformadas em coisas: inclusive, a moderna capital do Brasil.

Atualmente, as narrativas sobre a cidade se dividem entre as possibilidades de esperança e desesperança, o que possibilitou o surgimento de textos inquietantes como os de Aldo Paviani (2003, 2010), nos quais percebemos o desalento com as promessas da modernidade, como esclarece Adorno (2002), empreendida na construção da Capital. Nessas narrativas, como a do poeta Nicolas Behr (2014), há paixão pela cidade e acidez em sua crítica. Brasília insurge encantada, bela, com seu traçado arquitetônico e seus cidadãos *blasés* nos termos de Georg Simmel (1973[1903]). A escritura desses textos ora ressalta a metrópole moderna, ora coloca em evidência os espaços vazios que impedem a construção de redes de vizinhança, proximidades e trocas entre seus habitantes.

Do dito, é fato, que nesse momento, o encantamento com os projetos de modernidade e modernização construídos para essa cidade não encontram mais eco na tessitura do discurso literário. Muito menos, refletem a crença na racionalidade da realidade e na promessa de felicidade que Brasília ousou promulgar. A crítica à cidade encontra eco em narrativas de autores estrangeiros como James Holston (1993) e no pensamento de brasileiros, como Barbara Freitag (2003, p.75) que afirma: “Brasília recebeu em seu espaço urbano todos os problemas da sociedade brasileira sem correções prévias”. A autora prossegue em sua análise: “Não é de admirar que neste verdadeiro laboratório social vejamos a olho nu e convivamos de forma mais direta com os problemas globais da sociedade brasileira como um todo”.

Com ingenuidade, no primeiro momento da urbanização de Brasília, a performance de uma nova política e inovação na cultura urbana da cidade foi entendida pelo poeta como uma cidade autêntica, criativa, na qual os códigos literário, arquitetônico e estético se harmonizariam para dar o tom da organização e coerência física do espaço ideal. Mário Pedrosa (1981, 1996), homem das artes, pensava que a forma moderna tiraria o ser humano da atitude *blasé*, construída em um cotidiano destituído de questionamentos e apreciação estética. A arte era capaz de criar um Brasil moderno, de “fazer sociedade” (VILLAS BÔAS, 2004, pp. 19-32). Mas a cidade não é só um espaço construído

artificialmente, ela só pode adquirir sentido a partir das práticas cotidianas e suas significações. A cidade, como afirma Robert Park (1979, p. 26) “[...] é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizadas, inerentes a esses costumes transmitidos por essa tradição”.

Este estado de espírito a que se refere Park, esta tradição – valores, costumes, gostos e hábitos compartilhados – não existe em Brasília. Como a cidade foi construída e seus habitantes vindos de diferentes estados e tradições culturais. Portanto, o que os uniram inicialmente, foi à dinâmica espacial da cidade e suas formas arquitetônicas. Mas a cidade com seus vãos e espaços vazios parecia estar suspensa na linha do horizonte. Flutuante, não tinha raízes e nela, não havia um diálogo entre o que ele chama de uma organização moral com a organização física. Os migrantes, oriundos de diversos estados brasileiros, ao migrarem para esse espaço urbano, muitas vezes não se reconheciam como um ser desse espaço social, não se “sentiam em casa”, pois não conseguiam decifrar o código inscrito nestes textos. Por certo que falamos de seu Plano Piloto e cidades administrativas. Entretanto, os habitantes dessas cidades que circundam o Plano Piloto criaram uma configuração peculiar, preservaram tradições correspondentes aos lugares de origem. Assim, temos Ceilândia com uma população inicialmente, nordestina e que hoje, recebe influência dessa cultura; o Cruzeiro, reduto de funcionários públicos cariocas, os mineiros e goianos no Plano Piloto⁵, os japoneses em Brazlândia e assim, vários outros. Esse ambiente urbano acético está dotado de uma complexidade ímpar. Ao se equacionar racionalidade e beleza à unidade e coerência do espaço urbano, a cidade dialeticamente também foi para alguns um universo caótico, feio, irracional, e sem sentido.

A vida social dada pelo burburinho das ruas modernas, dos encontros, povoada por estranhos e indivíduos oriundos de diferentes classes sociais foi negada aos habitantes do Plano Piloto. Neste espaço de arquitetura luminosa, os planejadores urbanos, voltados para o fluxo de valorização das grandes avenidas capazes de permitir a velocidade do automóvel, não privilegiaram a rua. Se a rua é como define Marshall Berman (1987, p. 99) “um meio no qual a totalidade das forças materiais e espirituais modernas podem se

⁵ Cf. Correio Braziliense, Caderno ENCONTRO, de 11.08.2014.

encontrar, chocar-se, e misturar-se para produzir seus destinos e significados últimos”, então é nela onde é possível a comunicação, a interação. Enfim é nesse espaço cuja possibilidade de encontrar o outro seria possível. Mas em Brasília esse espaço urbano foi esquecido desde a planta da cidade. Ao se imputar à cidade vias expressas para os automóveis, esmagou-se na cidade a possibilidade de construção de um cotidiano de interação social, local de celebração e festividade, um lugar propício para a realização dos valores modernos e exercício de direito à cidadania. Para alguns autores como Holston (1993), a aridez da ausência de calçadas e a valorização das artérias de concreto dão a dimensão da desumanidade da “pedra” que esmaga a “carne”⁶.

À beira da linha do horizonte: “Brasília”, angústia e modernidade em Clarisse Lispector.

Radicalidade extrema e angústia marcam a escrita dessa cidade que se contrapõe à cidade cantada ora com euforia, ora não. Na crônica “Brasília” (1962), de autoria de Clarice Lispector, Brasília é uma cidade fundada sobre a ideia de totalidade, “construída a beira da linha do horizonte, Brasília é artificial”, pois “a construção de Brasília é a construção de um Estado totalitário”.

Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil: eles ergueram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério—quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo. Havia um táxi parado. Sem chofer. Ai que medo. — Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, dois homens solitários. — Olho Brasília como olho Roma: Brasília começou com uma simplificação final de ruínas. A hera ainda não cresceu. (LISPECTOR, 1999, p. 41)

A angústia da narradora é, portanto, a angústia frente ao nada. O espanto diante daquilo que não conseguimos identificar e produzir sentido. A autora conseguiu ver sob a aparência da beleza, o terror ao se deparar com o nada. Não obstante ter se passado cinquenta e cinco anos das observações de Clarisse sobre Brasília, a cidade oferece ainda hoje, ao olhar daquele que chega pela primeira vez em Brasília e não se deixa seduzir pela beleza, essa sensação de angústia.

O real físico em Brasília, delineado pela paisagem circundante, onde se veem avenidas largas, blocos de cimento e a vegetação abundante criam um panteístico festival

⁶ Expressão de Richard Sennett (2003)

que se constitui como o único fator que reintegra o indivíduo ao espaço urbano. A solidão resultante dessa experiência aponta em sentido contrário: a um desvinculamento com o real histórico que quebra a unidade *Urbis/Civitas*. O indivíduo é só. Se só, o humano já não é humano e mesmo que o indivíduo procure desvendar e conhecer a cidade em busca por identificação, ela lhe apresenta traumática, pois não há o que desvendar. Há somente que aceita-la. Nessa perspectiva, há mistificação pelo indivíduo, pois se ele não pode ser nessa cidade escultórica, também não se realiza como humano e está enfim, circunscrito pela solidão do individualismo. Há, pois aqui, o abismo que confina a existência.

Autores como Frederic Jamenson (1996[1984]) e Jean-François Lyotard (1986[1979]) em publicações em décadas mais próximas da inauguração de Brasília e da escrita de Clarisse Lispector, alertam para a fragmentação das relações humanas e explicam que o individualismo extremado e a multiplicação de identidades no interior de um mesmo domínio, fragmentam e dissolvem a realidade pessoal. A noção de grupo social e de coletivo desmorona. Tudo é fluido e sem raiz como uma cidade que flua no ar.

Percebemos nos escritos de Lispector, a sensação de angústia em relação aos fortes ventos da pós-modernidade – assim conceituada por Jamenson e Lyotard – posta na cidade de Brasília. Se a cidade condensa o racionalismo da modernidade, realiza-se na fragmentação das relações sociais da pós-modernidade. Nesse sentido, Lygia Fagundes Telles (s/d), em resposta a uma estudante de letras que pergunta se é possível “recompôr” os sentimentos de separação com a capacidade de simbolizar com a palavra escrita, responde: “O escritor escreve porque tenta recompôr, quem sabe? Um mundo perdido. [...] Ou não será o próprio eu despedaçado que ele está querendo resgatar?”

Em outro trecho de “Brasília”, Clarisse expõe:

Também eu, como eles dois que são monges, meditaria nesse deserto. Onde não há lugar para as tentações. Mas vejo ao longe os urubus sobrevoando. O que está morrendo, meu Deus?- Não chorei nenhuma vez em Brasília. Não tinha lugar. – É uma praia sem mar. – Em Brasília não há por onde entrar, nem há por onde sair. – Mamãe, está bonito ver você em pé com esse capote branco voando. (É que morri, meu filho). – Uma prisão ao ar livre. De qualquer modo não haveria para onde fugir. Pois quem foge iria provavelmente para Brasília. – Prenderam-me na liberdade. Mas a liberdade é só o que se conquista. Quando me dão, estão me mandando ser livre. – Todo um lado de frieza humana que eu tenho, encontro em mim aqui em Brasília, e floresce gélido, potente, força gelada da natureza. Aqui é o lugar onde os meus crimes (não os piores, mas os

que não entenderei em mim), onde os meus crimes gélidos têm espaço. Vou embora. Aqui meus crimes não seriam de amor. (LISPECTOR, 1999, p. 42)

Nesse trecho da crônica é possível visualizar a via-expressa da modernidade. No afã da construção da pureza e da racionalidade Brasília é ausente de um espaço comum. Sua fragmentação propicia no indivíduo uma espécie de estranhamento em relação ao ambiente livre de impurezas. De pureza clínica a cidade é “mal assombrada. É o perfil imóvel de uma coisa... Brasília é assexuada” (LISPECTOR, 1999, p 43). A poeta afirma quer ir embora dessa “prisão ao ar livre”, pois a cidade é gélida e não comporta nem os crimes de amor, àqueles justificáveis pela paixão.

Constituída de fragmentos, a crônica de Clarice mostra frases sem vínculos diretos. Nessa opção, elas se constituem no corpo do texto como monumentos, e ao se monumentalizarem essas frases se isolam mimetizando o próprio modo de construção da cidade, que é também monumental. É pela linguagem que a crônica direciona o olhar do leitor. A autora quer reiterar o espaço geográfico que na crônica é o próprio sentido de existir da cidade, a função da linguagem é fazer da cidade real imagem e semelhança da cidade sentida pelo olhar observador da literata. É pelo jogo de metáforas que a autora contempla a cidade.

Em Brasília, a organização do espaço dá a aparência da cidade, base material dada pela “beleza assustadora” da cidade “traçada no ar”, revelando o ponto de partida no qual a arquitetura comunica que o ser orgânico não se deteriora, “petrifica-se”. A cidade discursa um cenário icônico escultórico, no qual “a beleza de Brasília são suas estátuas invisíveis”. A cidade registra na crônica, os espaços para além do seu aspecto físico. Na crônica há um passado criado para a cidade que emerge com a simbologia dada pelo Eu lírico a partir de sua contemplação. Ao mesmo tempo em que escreve “Brasília”, Clarice Lispector reescreve a cidade. A autora apresenta o processo de modernização da cidade de forma que sua escritura segue um curso no qual o drama e os traumas implícitos no texto sugerem que nesse espaço construído, modernidade e cidade, nem sempre inspiram a alma dos cidadãos.

Com tom evocativo e reflexivo, a autora lança argumentos polêmicos nos quais a linguagem da crônica, sem ritmo e sem rima, de frases curtas, tornaram-se uma opção

para os saltos e sobressaltos da tomada de consciência das cenas modernas inscritas nas pedras dessa invenção da modernidade na periferia do capitalismo. No texto clariciano a justaposição faz das frases curtas uma alternativa para se juntar elementos díspares na construção da cidade. Assim como a cidade real ousou juntar a modernidade racional com o discurso mítico como argumentos para sua construção, a cidade das palavras da autora encerra elementos que não estão em consonância um com os outros. Não obstante Clarice não anular as diferenças, segue em direção contrária. Na crônica, as contradições se combinam. Como diz Clarice: “Nunca vi nada igual no mundo. Mas reconheço essa cidade no mais fundo de meu sonho. O mais fundo do meu sonho é uma lucidez”. (LISPECTOR, 1999, p. 42)

O jogo entre lucidez e sonho evocam racionalidade e subjetividade. É nessa dialética de evocação tópica da modernidade se realiza a aproximação dos contrários. Faz da transfiguração do encantamento com o projeto de construção da cidade o próprio desencanto com a impossibilidade de se viver nesse espaço, no qual “tudo parecia que ia ser comida de avião”⁷. Clarice prossegue: “Se tirassem meu retrato em pé em Brasília quando revelassem a fotografia só sairia a paisagem... É urgente. Se não for povoada, ou melhor, superpovoada, será tarde demais: não haverá lugar para pessoas. Elas se sentirão tacitamente expulsas”⁸.

Com uma gama de palavras escolhidas, a escritura de Clarice cria um imaginoso e contraditório cenário espectral. As associações feitas pela autora despojam a cidade daquilo que poderia ser seu adereço mais nobre: a arquitetura. Mas essa arquitetura não pode abrigar pessoas na medida em que ela se sobrepõe a própria imagem e impede que o indivíduo se realize em sua interação social. Nem mesmo na fotografia o indivíduo pode existir, já que a força da “pedra” se sobrepõe à “carne”. A autora desfaz o imaginário de simpatia e encantamento da cidade com ruas quase inexistentes. Com seus palácios brancos, Brasília surge desumanizada e “enganosamente” moderna, pois carece de relações humanas. A ausência de comunicação entre “carne” e “pedra” revela o abismo entre planejamento e a apropriação do espaço, haja vista “A cidade de Brasília ficar fora da cidade” (LISPECTOR, 1999, p. 43).

⁷ Idem.

⁸ Ibidem.

Em Brasília Lispector não encontra elementos que sejam capazes de sintetizarem as experiências cotidianas. Na cidade da ficção construída pela linguagem é possível encontrar analogias com a cidade real. É a partir dessas analogias que a cidade real fornece para a autora a matéria da escrita, na qual o projeto de modernidade brasileiro revela as tensões próprias à realidade brasileira. Em verdade a crônica estabelece uma discussão antiga ao pensamento social brasileiro, qual seja: como conciliar a ideia de progresso e desenvolvimento com os elementos tradicionais da cultura brasileira. As tensões próprias a esta questão estão no cerne da modernidade aqui instaurada.

O texto de Clarice Lispector se constrói pelo insólito. Nele Brasília se constitui pela falta de história humana. Mas a autora não se contenta com esta constatação e procura por meio de seu imaginário criar para esta cidade um povo, uma raça de heróis.

Habitada por homens e mulheres louros e altíssimos que não eram americanos nem suecos, e que faiscavam ao sol. Eram todos cegos. É por isso que em Brasília não há onde esbarrar. Os brasiliários vestiam-se de ouro branco. A raça se extinguiu porque nasciam poucos filhos. Quanto mais belos os brasiliários, mais cegos e mais puros e mais faiscantes, e menos filhos. Os brasiliários viviam cerca de trezentos anos. Não havia em nome do que morrer. (LISPECTOR, 1999, p. 41).

Ao buscar essa tradição para a cidade a autora faz uma crítica contundente na qual tenta mostrar como a ideologia do moderno tende a legitimar discursos construindo uma condição moderna falaciosa nos países periféricos. Condição reforçada pelo discurso capitalista que confere positividade, no caso do Brasil, através da construção de uma capital toda pautada no princípio da racionalidade. Ao criar essa raça de heróis, Clarice traz à tona a crença de que Brasília deveria ser habitada por novos homens, aqui se constituiria uma nova forma de viver. Entretanto, quanto brancos e puros, mais cegos e extintos.

Mas Clarice não se detém somente nessa crítica, pois os "brasiliários" não são suficientes para construir a cidade. A autora tenta - como fez Walter Benjamin - juntar um passado - no caso de Brasília - criado por ela, com o presente. Nessa junção percebe-se a intenção de apossar-se de uma escrita na qual a imagem permite uma crítica interiorizada, pois por meio do passado a crônica quer desvendar a cidade e é desse processo que a autora descobre que:

Milênios depois foi descoberta por um bando de foragidos que em nenhum outro lugar seriam recebidos; eles não tinham nada a perder. Ali ascenderam fogo, armaram tendas, pouco a pouco escavando as areias que soterravam a cidade. Esses eram homens e mulheres menores e morenos, de olhos esquivos e inquietos, e que por serem fugitivos desesperados, tinham em nome de que viver e morrer. (LISPECTOR, 1999, p. 41).

Assim a imagem dialética da cidade se forma, pois como se pode observar, foram esses seres menores e morenos, meio inquietos e fugidos de todos os cantos do país que aqui vieram ávidos para construir uma vida melhor. O fascínio de Clarice por Brasília não permitiu que ela parasse de escrever sobre a cidade. Somente uma crônica não foi suficiente para que toda a sua percepção inquietante sobre a cidade fosse exposta. Incomodada com essa “cidade abstrata” “vomitou” outro texto de nome “Brasília: Esplendor” (1974), doze anos depois de “Brasília”, acompanhada pelo som de uma valsa sob o sugestivo título “Sangue Vienense”.

Nessa crônica as condições da cidade, desconcertam os padrões do cidadão. A autora nos apresenta uma Brasília despojada de elementos que dão a efervescência de uma cidade. Como uma Brasília que está se instituindo, a cidade que não é capaz de proporcionar aos que chegam uma sensação de acolhimento. Lispector acaba por deglutir as realizações e os sonhos daqueles que ousaram acreditar na promessa de felicidade oferecida pelo espetáculo da modernidade sedimentado no concreto branco. Essa configuração deu forma a estrutura social desprovida de “cotidiano”, como afirma a própria Clarice:

Brasília é uma cidade abstrata. E não há como concretizá-la. É uma cidade redonda e sem esquinas. Também não tem botequim para a gente tomar um cafezinho. É verdade juro que não vi esquinas, em Brasília não existe cotidiano. A catedral pede a Deus. São duas mãos abertas para receber. Mas Niemeyer é um irônico: ele ironizou a vida. Ela é sagrada. Brasília não admite diminutivo. Brasília é uma piada estritamente perfeita e sem erros. E a mim só me salva o erro. (LISPECTOR, 1999, p. 44)

A referência acima à cidade, marca a contradição e o estranhamento, em relação aos moldes das demais cidades coloniais brasileiras. Não há referências para se compreender e significar Brasília. Dessa maneira, a crônica “Brasília: Esplendor” realiza

a análise da cidade pela via literária, uma opção capaz de contribuir para a explicação da complexidade da cidade, em sua trajetória urbana. Publicada na década de 70, é possível perceber na crônica que a autora aponta para indícios de uma realidade na qual a pertinência do texto literário não pode ser desconsiderada para a inserção da análise histórica no estudo da cidade. Na citação acima a autora elege temas comuns ao pensamento social referente a estudos sobre Brasília.

Brasília, como observa Clarice, é uma tentativa de remodelar o Brasil, a construção da cidade de largas avenidas, de prédios modernos, representa a euforia com o palco ilusionista de uma imagem de modernidade, na qual a ideia de civilidade era uma pretensão. Ao se negar a tradição das esquinas e do cotidiano Brasileiro, a cidade abstrata coloca o Brasil no paradigma dos tempos modernos, imagem do tão sonhado lema positivista, inscrito em nossa bandeira: “Ordem e Progresso”.

Na crônica a autora retoma a discussão impetrada por Nicolau Sevcenko (1999) quando trata da transformação do espaço público na cidade do Rio de Janeiro à época da remodelação empreendida por Pereira Passos, no início do século XX. O autor faz algumas considerações perfeitamente adaptáveis ao caso de Brasília. Segundo o autor no projeto de Pereira Passos percebia-se “a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante, um cosmopolitismo agressivo” (SEVCENKO, 1999, p. 20). Como nos mostra Clarice esses princípios também estão presentes na nova Capital Federal. A falta de tradição é tamanha em Brasília que “falta magia, falta macumba” (LISPECTOR, 1999, p. 47), ou seja, a cidade criada sobre os princípios da racionalidade elitista não permite identificar a diversidade das práticas comuns, do povo brasileiro.

Em Clarice a ação é interna, a autora não se preocupa em explicitar suas intenções, independente da expressão observada em uma primeira leitura, a subjetividade é o que impera no processo de interpretação. Os textos são em verdade instrumentos que penetram o labirinto de um processo de escrita no qual é possível extrair uma crítica social. Os textos de Clarice fazem o leitor se defrontar com as realidades vividas na cidade e suas construções imaginárias, postas em palavras que o levam a refletir, a indagar, a conhecer. Em sua escritura, o material de ficção e o material verbal dão a tônica do

processo de criação no qual a consciência do mundo não pode ser negada. Os textos encontram uma verdadeira expansão vocabular que faz da ficção uma possibilidade de análise do real.

Para Benedito Nunes (apud NOVAES, 1999, p. 274) no texto de Clarice estão presentes “sentimentos fortes de cólera, ira, raiva, ódio, nojo, náusea, alterando-se com o amor e a alegria verdadeiros núcleos afetivos que motivam a história narrada ou constituem momentos culminantes da narrativa”. Percebe-se que a constante reflexão impetrada pela literata “deixa a narrativa chegar a um ponto limite, pois a realidade descortinada nas três dimensões filosóficas, sociais e psicológicas torna o mundo cru” (BARROSO, 2004, p. 80).

Assim a trajetória de Brasília - nas duas crônicas aqui consideradas - passa pela *via crucis* da linguagem até chegar ao seu momento de esplendor, em um processo de caracterização intensa. Através do uso de metáforas, a autora qualifica a cidade com adjetivos que acabam por implodir a visão da modernidade pretendida pelos construtores. Por fim, Clarice estabelece uma crítica feroz aos modernistas.

Brasília é uma cidade abstrata... Brasília é uma estrela espatifada... Brasília é implacável... Brasília tem cheiro de pasta de dentes... Brasília é um futuro que aconteceu no passado... Brasília é farmácia noite e dia... Brasília é magra... Brasília é corrida de cavalos... Brasília é hiperbólica... Brasília é ferrinho de dentista... Brasília é um aeroporto... Brasília é uma tesoura de aço puro... Brasília é barulho de galinha no copo de *Whisky*, às seis horas da tarde, hora de ninguém... Brasília é ficção científica... Brasília é o Ceará aos avessos: ambos contudentes e conquistadores... Brasília é lei física... (LISPECTOR, 1999, p. 44 a 62).

Nesse sentido, a narrativa corta o pensamento concebido originalmente para intensificar o processo de sujeição das trajetórias sucumbidas por essa realidade angustiante da cidade desprovida de vida. Em “Brasília: Esplendor”, Clarice utiliza autenticamente os espaços de linguagem de forma análoga aos espaços da cidade. Através das metáforas propõe um texto corrente e instaura uma narrativa em que reflete as possibilidades de cenários no espaço abstrato da cidade construída. Em uma espécie de desabafo, ela observa a cidade moderna, ao mesmo tempo descreve a paisagem urbana e a condição do homem moderno sob o manto da racionalidade reflexiva.

Segundo Silva (1997) a construção de Brasília possui um significado histórico, um significado sociológico e um significado teórico. Histórico, pois a cidade surge como uma experiência de possibilitar ao Brasil o ingresso na modernidade; sociológico, porque é uma aventura utópica - social em escala social - e teórica, haja vista a possibilidade de se analisar a cidade a partir de conceitos e metodologias das ciências.

Considerações finais

De uma vertente urbana, cosmopolita e letrada a narradora vinda do Rio de Janeiro lê a cidade pelo viés do simbolismo. Ao criar possíveis significados para a cidade ela torna Brasília, um espaço no qual há uma constituição de símbolos imateriais e independentes que obedecem a uma lógica própria. É pelo sentido intuitivo e comparativo que a autora revela, por meio da linguagem, um pedaço dessa construção humana em forma de utopia. Ao representar Brasília nas crônicas, Clarice analisa as estruturas concretas e estabelece sentido através de uma abordagem estética de uma realidade social moderna, desencantada como a crítica ao pós-modernismo⁹, na qual o homem sozinho não encontra mais sentido no signo construído.

Impossível concluir uma interpretação dos escritos de Clarisse Lispector, assim como da cidade de Brasília. Como a dimensão poética – ‘dativa’ concedida aos poetas - vai muito além de seu tempo, não obstante circunscrever uma época, o significado histórico, sociológico e teórico de Brasília somente se delinea envolto em sombras, em nossos olhares. Nascemos e crescemos com a cidade e conjuntamente fazemos com ela, história.

Referências bibliográficas

ALVES, Júlia Falivene. *Metrópoles, Cidadania e Qualidade de Vida*. São Paulo. Editora Moderna., 1992.

BARROSO, Eloísa Pereira. *A Cidade do Rio de Janeiro na Obra Literária*. Brasília. Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia- UnB, 2003.

_____. *Brasília: a cidade entre o mito e a razão*. In Revista eletrônica Urbanidades DOSSIÊ: BRASÍLIA Sociologia Urbana de Brasília Reflexões e problemáticas relacionadas. www.urbanidades.unb.br/

⁹ Cf. HEARTHEY, Eleonor. O pós-modernismo.

- BAUMAN, Richard. *Story, Performance and Event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge University Press, 1986.
- BEHR, Nicolas. *Brasília-Z, cidade palavra*. Brasília: Teixeira Gráfica e Editora, 2015.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998
- _____, Michel, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano, 2 morar e cozinhar*. Tradução de Ephaim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Rio de Janeiro. Vozes. 1997.
- CORREIO BRAZILIENSE. Nordestinos são maioria dos imigrantes que vivem no DF. *Caderno Brasília Encontro*, em 11/08/2014. Disponível em: http://sites.correioweb.com.br/app/noticia/encontro/atualidades/2014/08/11/interna_atualidades,1357/nordestinos-sao-maioria-dos-imigrantes-que-vivem-no-df.shtml. Acesso em: 28.02.2017.
- COSTA, Luiz Carlos Guimarães da. *História da literatura brasileira*. Brasília: Ed. Thesaurus, 2005.
- FREITAG, B. Brasília refletida. In: *Abstrata Brasília concreta*. Brasília: Medialecom, 2003.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2011[1959].
- HEARTNEY, Eleanor. *Pós –Modernismo*. São Paulo: Cosac & Naif, 2002
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo. Ed. Ática, 1996[1984].
- LISPECTOR. Clarice. *Para Não Esquecer*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986[1979].
- MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política*. 3 ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2003.
- NUNES, Benedito. *A Paixão de Clarice Lispector*. In: NOVAES, Adauto. *Os Sentidos da Paixão*. Companhia das Letras. São Paulo, 1999.
- PARK, Robert Erza. *A Cidade: Sugestões Para Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano*. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro. Guanabara, 1987.
- PAVIANI, Aldo. *Brasília - Moradia e exclusão*. Brasília: Ed. UNB, 1996.
- _____. *Brasília - Gestão urbana: conflitos e cidadania*. Brasília: Ed. UNB, 1999.
- _____. *Brasília, ideologia e realidade – espaço urbano em questão*. Brasília: Ed. UnB, 2010.
- _____. *Brasília – controvérsias ambientais*. Brasília: Ed. UnB, 2003.
- PEDROSA, Mário. *Dos murais de Portinari aos Espaços de Brasília*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.
- _____. *Forma e Percepção Estética*. Volume II. 1ª Edição. São Paulo: Edusp, 1996.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução de Marcos y ed. Aarão Reis. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura Como Missão*. São Paulo. Brasiliense, 1999.
- SIMMEL, Georg. 1973 [1903]. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- TELLES, Lygia Fagundes. *Histórias escolhidas*. São Paulo: Boa Leitura, s.d.
- VASCONCELOS, ADIRSON. *O Homem e a Cidade*. Brasília, Núcleo Bandeirante: Oficinas Gráficas da Tribuna de Brasília, 1960.
- _____. *O sonho que fez realidade*. Brasília: Ed. Do Senado federal, 1966.
- _____. *Uma marcha que começa*. Brasília: Ed. Do Senado federal, 1968.
- _____. *A epopéia da construção de Brasília*. Brasília: Thesauris Ed., 1969.
- _____. *A mudança da capital*. Brasília: Ed. Do Senado federal, 1978.
- VILLAS BÔAS, Glaucia. “Evaristo de Moraes Filho e a maioria dos trabalhadores brasileiros”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, Anpocs, v. 19, n. 55, 2004.